

WALMOR SANTOS

RATO

COM ASAS DE BORBOLETA

(Je t'aime moi non plus)



© Todos os direitos reservados para Walmor Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Rodrigo Costa Barboza, CRB-10/1694

S237 Santos, Walmor, 1950-

Rato com asas de borboleta (Je t'aime moi non plus) / Walmor Santos. – Porto Alegre : WS Editor, 2011.

50 p. ; 16 x 23 cm. – (Coleção Saturno ; 4)

ISBN 978-85-7599-117-6

1. Literatura Brasileira 2. Novela I. Título. II. Série.

CDU 869.0(81)-32

Livro para leitura no site do autor
julho de 2011.

COPIAR ESTE NÃO É CRIME



Walmor Souza dos Santos
CNPJ 02.455.818/0001-24
Insc. Est.: 096/2691097
Rua Disnard, 62 / Bairro Santa Tereza
90850-030 – Porto Alegre – RS
Fone/fax: 0 51 3029 7018 / 7028 / 7461

Visite:
<http://www.wseditor.com.br>
E-mail: wseditor@wseditor.com.br
projetoautor@wseditor.com.br

RATO COM ASAS DE BORBOLETA

(Je t'aime moi non plus)

1ª Parte

Capítulo 1

Por vezes, rato com asas de borboleta. Carnívoro. Sei que sou assim: por isso, não consigo voar distância maior que um salto de pernas. O cervo não tem pernas de girafa, mas que velocidade!; eu, pernas curtas, tortas, uma menor que a outra. Velocidade só de pensamento; do cervo, só a galharia sobre a cabeça, porque mulheres são plantadoras de chifres e derrubadoras de cabelos. Careca, quase um joelho; magro, muito magro, magro demais: o que me preserva da obesidade e suas funestas conseqüências, ainda que preferisse morrer com a aorta entupida por tanto banquetear. Mas não me alimento de queixas: mais não tive para não guardar por avaro. Preferi sempre a liberdade faminta que a saciedade escravizada. Sou assim... Livre de modismos, vícios, falsas necessidades. Sou assim: o único homem livre do planeta. E com um sonho.

As criaturas, todas, têm direito ao sonho. Por decreto. Assino sem vetar. Mas o pesadelo é mais freqüente. Os sonhos da mulher são homens e filhos, dinheiro e moda. A ordem pode ser invertida na razão direta de suas posses. Ou inversa, pelo mesmo motivo; os sonhos do homem são mulher e grana. Nesta exata ordem. O meu! Dinheiro nunca é demais. Escraviza. Mulher? Tam-

bém escraviza. Meu sonho é uma morena, alta. Braços longos para o abraço; pernas grossas e coxudas para o aconchego. Sem casamento. Casamento escraviza. Dinheiro e mulher escravizam. Por isso, sou livre. Mas sonho. Temporariamente rato. Com asas de borboleta. Livre. E com um pesadelo.

Minha liberdade por uma garrafa de pinga. Nem precisa estar cheia. Sei que a bebida é vício degradante: acaba mais com o homem que traição de mulher amada. Fico puto quando vejo homens caídos pelas calçadas. Desses, me aproximo devagar, como um anjo vingador. Chuto-lhes a cara, o peito, as pernas. Um homem há que ter princípios. Vergonha. Não deixo a garrafa esvaziar-se na calçada. Sempre sobra alguma baba. Depois, com um discurso de pregador, que, admito, beira à hipocrisia, como todos os discursos de pregadores que falam de um reino impossível à imaginação, projeto-lhes o paraíso dum programa de tevê: desses que resolvem os problemas dos pobres, curam doenças, doam casas, dinheiro, sorrisos e belas mulheres. Alguns idiotas acreditam nesses céus que só traz paz à conta bancária do apresentador. Azar dos ingênuos!

A fome é irmã gêmea da morte. Mais apressada e menos fatal, porém. Enquanto essa estiver comigo, sei que não é a hora da outra. Essa me acompanha por calçadas sem dono, onde sou livre e faminto, olhando vitrinas com inúteis roupas sob holofotes. Pra casa volto quando quero. Prefiro a rua. Tenho asas de borboleta. Por isso, flano pela Osvaldo Aranha. Entro na Lancheria do Parque, aspirando, sôfrego, o cheiro da gordura e da erva quase medicinal. Ignoro a barriga que ronca. Sento e espero. Algum imbecil, desconhecendo minha artilosidade canina, logo se compadecerá e dividirá comigo suas batatinhas.

Obrigado, senhor, persigno-me e penso comigo, temendo castigá-lo: que Deus lhe devolva um mínimo possível do que a mim presenteou. Não gosto de dever. Nem do dever. O olhar de

Deus sobre os homens parece ser impiedoso, cruel, debochado. Dispensou-O. Se bem que o raio laser de Seu olhar poderia me fulminar com um jato de sorte; não precisaria ser um iate, um palácio, um emprego de executivo numa multinacional; só um empreguinho de corretor, numa praia em Santa Catarina em vez do banco da Redenção, onde me hospedo freqüentes vezes, mais do que minha vontade ou minha irreconhecida competência mereçam, porque ninguém sabe vender melhor do que eu: ensaco merda e faço comprarem. A arte da venda dispensa comprador voluntário; carece apenas de fazer com que o possível comprador descubra que precisa dessa merda ensacada. Mas me falta cinqüenta por cento da matéria-prima: não tenho tutu para investir no saco plástico... E como ando mastigando pouco, até a matéria-prima escasseou.

Que buzinem! Atravesso a rua em direção à sombra. E se eu deitasse repentinamente, atravessado sobre a pista dos ônibus?... Viria polícia, ambulância, médicos: teria uma semana de férias no spa do HPS. Mas o asfalto quase derrete sob o sol. A clientela do spa é complicada. Prossigo. A qualidade do grande homem é não parar jamais. A madame e o cão sob o olhar do policial. O cão tem mais saúde do que eu. Não sei se menos inteligência: nunca vi cão limpando merda de madame. Se bem... Traidores. Mais traidores do que pitt bull tive “amigos”.

Entro em casa na manha do passo de pluma, cansado do trabalho estafante de atender Milena, que encontrara na parada de ônibus, mais oferecida que os carnês do Sílvio Santos. A doida me lambuzara ainda na parada, entre um lusco-fusco e outro, obrigando-me a arrastá-la para um motel de terceira: aqui, não, benhê! Dei o troco: O mais perto, lhe disse, ciente de que não tinha dinheiro para o táxi. Aceitou ir à pé. Lá, penetramos madrugada até que ela, enfim, decidiu pagar a despesa do quarto. Depois, ao chegar em casa, como disse, na manha do passo de

pluma, esgotado. Aí, o que vejo ao chegar em casa? A vagabunda doméstica ali, com o vizinho, que aos domingos comia do meu churrasco, feito com a carne do pai dela. Isso eu sonhava, mas era, na verdade, carne do açougue do pai dela. Então, traído na fidelidade que jurou diante do altar, começo a surra para ela não mais esquecer da palavra do padre: fiel até na morte; também para aprender que não se trai impunemente o seu homem. Um homem tem que ter dignidade. É o meu lema. Mas o cara reage mais rápido, com uma faca na mão e me abre a barriga. Não sei o que mais ofende a minha hombridade: talvez o soco na cara, que me deixou assim, até hoje, meio torto de sorriso e quase vesgo. Ah, mas não ficou barato: me vinguei, sim. Nunca mais apareci em casa. Mulheres têm aos montes por aí, basta estender a mão e elas caem. As maduras, primeiro. Pra uma até negoceei: cama, comida, roupa lavada e dez mil por mês. Topou na hora. Quando lhe perguntei quando ela começa a depositar na minha conta, me chamou de gigolô barato!

Agora, eu tenho gosto. Sei da mulher que quero, embora quando chega alguma, nunca Morena, aproveito. Mas é uma só que desejo. Ela! Puxa, mesmo enquanto casava, diante do padre e seu latinório, eu não pensava na cadela da noiva. Casei por conveniência. Dela. Me deixei arrastar. De vingança, pensava na minha fada encantada. Ela me encontrará. Confio.

Morena. Olhos fundos e tristes para que a console. Verdes feitos águidas que quando menino eu disputava a tapas. Média. Doce e submissa. Ainda existem? Braços longos, coxas grossas... Morena. Estrela a povoar meus sonhos em noites de afagos solitários. Nessas noites, ouço sua voz clara e límpida como a voz das amadas mais puras dizendo que me espera, que me encontrará, que nosso dia vem próximo. Então, enviuei-me para sempre de outras mulheres. Tenho esse firme propósito e nele persisto, até que o desespero da carne me obrigue ao sacrifício. Vagabunda só

pego pra não criar raízes. Evito a prisão de saias. Já me aconteceu daquela vez. Num desses rituais satânicos, a filha do açougueiro me falou do bilhete premiado: um filho. Meu? Puta que pariu! Você transava com todos. Idiota, ela insistia em lágrimas, como fui confiar num crápula? Cadela, respondi, como pode garantir que o filho é meu? Você é mais rampeira que gata no cio!, gritei-lhe. Respondeu, com sarcasmo: viado! O filho não é meu; não caso! O pai dela, empunhando a faca de carnear, garantiu minha paternidade. Aceitei sua palavra. Mas pensava em Morena. E, por vingança e concupiscência, continuaria pensando por todas as noites enquanto enchia o ventre da carniceira.

Ainda procuro Morena pelas ruas e praças, portas de bares ou de igrejas. Tenho olhar arguto. Procuro-a nos olhares jovens – porque em minha memória ela ainda conserva seus dezoito anos. Procuro suas pernas entre as pernas das mesas de bares, quando me agacho junto ao piso fingindo juntar o fósforo. Talvez ela ande me procurando na luminosidade dos shoppings, onde não entro. Ou numa tela de cinema, pois fui bonito, poderia ser galã. Não fossem esses dentes que me faltam. Ou a cicatriz na barriga. Ou a calvície precoce. Ou o ventre estufado por gases. Ou a perna renga. Ou essas roupas...

Mas hei de economizar, o que não é fácil, ou Deus me abençoará com uma carteira distraída e recheada que permitirá me vestir com camisa de seda. Um cabeleireiro dará jeito nos tu-fos laterais. Botas de cowboy sertanojo. Correntes de ouro no pescoço e no punho. Então ela terá olhos de fada-madrinha e me transformará num príncipe encantado e esquecerei, finalmente, esta vida de rato. Por ela, me metamorfosearei com asas de borboleta.

Sonho com a morte. Sou menino grande sem vontade de crescer. A bruxa da noite empunha sua foice. Espera que eu engorde. Recolho dedos. Persigno-me, pois creio em Deus, ainda que não compreenda seus desígnios para comigo. E a bruxa, maliciosa como pregador recolhendo espórtulas, sorri doce como é doce o sorriso de quem tem sempre a mesa pronta: espera minha carne, prato aos vermes.

Minha mãe batia pratos e panelas: réquiem sinistro. Senta, menino! Eu sentava. Mamãe orava, agradecendo não sei o quê. Saco! Eu abocanhava farelos de esperança sobre a toalha puída. Acorda, menino! Perderás o ônibus!

Saía limpando olhos. Sobravam dias para o final de mês. Tênis novo, quem sabe? Se a mãe economizasse nas compras? Passava então a esconder trocados para domingos na inversa proporção do faltar açúcar ou sal. Em pé, no ônibus, administrava sonhos: serei alguém na vida; terei carro e casa própria; filhos? Filhos, não! Não multiplicaria obstáculos à ascensão. O ônibus me vomitava logo adiante. Era engolido pela porta da loja de cds. Monótono o serviço. O dia me arrastava. Lento. Pedra e ombros. Um dia, o patrão das constantes mijadas me chamou com olhos de raposa. Cerro punhos; mordo a língua. Ele sorria porque tinha prato cheio e ignorava o coletivo duas vezes ao dia e a marmitta fria no almoço. Tava sempre esfregando o saco e torrando a minha paciência. Ainda o acerto, prometi. Ele me abraçava: Uma chance é tudo o que um homem deseja, não é verdade? Calado, por inútil eu sentia vontade doida de dizer qualquer coisa que o deixasse de saco no chão. Se pudesse, eu o pisotearia. Mas ele forte: conta bancária, cpf, porta aberta em bancos, amigo do delegado. Quem sou eu, por enquanto, para discutir com ele? Repetia como um mantra: Ainda o acerto! Ele sorria: Finalmente, tua promoção. Ah!?

Deixarei de ser balconista para cuidar do estoque!

Ele se voltou, fugindo para seu escritório. Eu, atulhado de caixotes para abrir e a testa suada. Promoção, isso? Bah! Gastei a tarde para me dar conta de que o pulha não falou em aumento. Capengueei ao escritório. Espiei. Sua enorme barriga atrás da escrivaninha. Mentira, ele não é tão gordo assim. Não gosto de mentiras. Voltei para o meu canto sem coragem de invadir a sala, onde empregado só é chamado para receber o passaporte para o seguro-desemprego. Pensar é a grande arte. Pensei melhor entre caixotes e prateleiras. Por dois minutos. Retornei ao corredor e lá vem ele aos gritos: O que foi? Não gostou da promoção?

Ainda lembro bem: finjo pôr os olhos no chão, enquanto mantenho os punhos cerrados. Que se afrescalhe pra ver. Murmuro: E isso tem aumento? Aumento!? Seus olhos parecem dois ovos duros no vinagre. O meu fígado lá dentro. Os olhos dele azedam: Porra! Te dou uma oportunidade e já pedes aumento? Tenho nos olhos um lança-chamas. Ele me teme, amansa: Por enquanto, não! Precisas provar tua capacidade, disse. E garante: É questão de tempo! E sorri um riso de gordura e trago. Quase vomito. Ele, sábio e malandro: Tempo é o que mais tens. És jovem!

Filho-da-puta! Tomo a decisão digna de um homem: não deixarei esse escroto me engambelar. Por miséria, cumpro jornada longa demais: lixo na rua, vidros limpos, prateleiras cheias, garoto de recados. Sim, senhor! Eu agradeço todo santo dia, saindo com o rabo entre as pernas. No corredor, indignado, faço au, au, au!, sacudo o rabinho. No dia seguinte estou a desenrolar pacotes e engravidar prateleiras. Dias cinzas! Temporal se armando no almoxarifado. O fel, recusando ser destilado, me sobe ao cérebro.

Finalmente, num final de tarde cinzenta, todos saem com pressa. A chuva ameaçava. O vendaval agita os ponteiros bem antes das dezoito horas. O patrão e a longa estrada até a praia. O pulha me mandou pôr uma caixa de scotch no porta-malas

do Mercedes. Gente fina, casa chique. Jogou a chave do estoque: Fecha e não faça bobagens!

Filho-da-puta! Logo eu fazer bobagens! Deixar-me no balcão, comissionado, jamais. Enterra-me no estoque e me explora o salário. Desgraçado! Prometo: Vou lhe mostrar que sou bom vendedor. Ele me promoverá, serei gerente, comprador (senadores, deputados, se cuidem: levarei trinta por cento), seu braço direito, seu cérebro, talvez seu patrão. Na igreja genial do todos por um eu aprendera: com fé toda ascensão é possível. O pastor tem carro novo. Os fiéis, o coletivo. Ainda alcanço esse céu.

Enquanto isso, dócil como cão de madame, continuo desmanchando caixas que uma transportadora trouxe à tarde. Cada cd bonito!; só sucesso!; e os cantores cheios de gatas e granas. E eu? Têm cds ali que sei falsificados. A gente vende devagar, na surdina, aumentando os ganhos do patrão nosso de cada dia. Safado! Não enlamearei minhas mãos com seus crimes. Decido fazer justiça social: pego alguns cds por conta da divisão de renda. Saio. Preciso provar que sou o melhor vendedor do mundo.

Ao primeiro gingador de esquina falo de som. Responde somando sílabas no meu discurso. Bá! Propagandeio a banda com um discurso épico: Maneiro, pô! É lançamento, novidade memo, mano! Pega e examina! Faço a oferta: Pela metade do preço, meu, leva agora, pô! O cara disse não gostar muito. Falo de ele chegar na turma e ser o único a ter aquele cd cheirando a xota de virgem. Ah! Quando sorri, sinto cócegas no bolso.

Um baseado, uma garrafa de uísque paraguaio em homenagem ao legítimo que o calhorda me fizera pôr no porta-malas, como se eu fosse seu courinho. Que coisa ruim, porra! E o bolso vazio outra vez. Bêbado, afundo na cama. Sonhos. Um! Como sou bom nisso de vender. Também de sonhar!

Ainda não era Morena, assim por inteira. Sonhava-a por pedaços. Tinha pernas, seios e alguma coisa que eu desejava, ali,

na junção das pernas. Cobiceta! Rosto ainda inexpressivo e cabeça vazia. Ideal: mulher que pensa complica a relação. Morena era mais fumaça que carne. Sem mau-hálito nem exigência ou despesas. Pelas noites, meu travesseiro era seu rosto obscuro; o tecido da fronha, a maciez de seus cabelos. Minhas mãos com calos em seu mágico ponto G.

Dias depois acordo entre caixotes. Grita o patrão à porta do estoque. Alguém descobrira a falta dos discos nos pacotes. Cuspo para o lado: Não preciso dessa porra! Quero é aumento. Ele grita: Mal-educado e ladrão! Retruco: Apelação, tio? Aprendi desde menino: homem tem que ter dignidade. E sento-lhe a mão. Um porreção! O pé. Cabeçadas. Derrubo-o contra a prateleira. A prateleira sobre ele. Enquanto se levanta, ouve-se a maravilhosa sinfonia das caixas plásticas sob seus pés!

Vou saindo, pois tenho como definitiva a rescisão: nada receberei. Vomito: Não preciso da tua grana, velho safado. Ladrão! Ainda na porta, dou-me conta: um homem há que ter brios, vergonha na cara. Ou muito dinheiro. Dinheiro é como roupa: cobre as vergonhas, até da alma.

Ele ameaça: Vou te denunciar, moleque!

Rangendo dentes de rato, recupero a dignidade e pergunto ágil com asas de borboleta: E os cds falsificados? Acho que a Polícia Federal gostará de saber disso. Descubro-o também com asas, sobe ao céu, angeliza-se: Calma, filho, diz muito gentil. Gentil demais! Respondo: Quero meus trocos. Ele se converte: bondoso e me faz consciente de minhas habilidades de negociante.

Com dinheiro no bolso, saio à caça de qualquer morena que ainda não seja Morena. Com grana no bolso, serei mais depressa encontrado por elas.

As mulheres sempre tiveram queda por mim, desde a escola. Como aquelas, riem essas, as rampeiras da esquina suja, querendo alguém para subir ao matadouro. Sobem os otários com

carteira recheada e descem com ela vazia. Comigo, não! Só se for de graça. Riem as bruacas: Pauzinho de ouro, é, neném? Pigarreio forte, junto catarro na boca, bato saliva como se fosse chantilly e cuspo contra elas. Diante dos primeiros reflexos de sol nas lâminas que saltam das bolsas, corro às gargalhadas. Rampeiras!

Chego tarde em casa. A mãe percebe a anormalidade: Desempregado, outra vez?

Não nasci pra rato, mãe. Ninguém me esmaga assim, tão fácil. Tenho asas de borboletas.

Mas não tem vergonha, responde ela.

Tenho, sim, vergonha e um sonho.

Capítulo 2

Borboleta em repouso na mesa no Chalé da Praça XV. Gosto do que vejo: nostalgia na fachada do Mercado Público. Adoraria ser arquiteto: harmonizar a beleza fria da construção com o sangüíneo da paisagem. Noutro dia, surpreendi-me a meditar sobre as cores do Mercado ao pôr-do-sol. Lindo! Mas sonho mesmo é com a corretagem de imóveis na praia, sim, na praia todo o ano: sol, dinheiro, mulheres quase sem embalagem. Como carne exposta num açougue com paredes na cor sépia. O jardim do Éden é uma conta bancária: compra carne e cerveja. Este chope me custou suor. Desidratação mata. Previno-me. Desfile de cores diante dos olhos. E de gente, embora certas espécies enfeiem a paisagem: pivetes e putas ao alcance do chicote; baratas subindo pelas pernas da mesa; gritos de camelôs, motores de ônibus, sirenes de carros policiais, moscões no vaivém atrás de oito horas vezes trinta dias pelo salário mínimo: vão para o céu, pois trabalho enobrece; desemprego endurece; as rampeiras amolecem. Idiotas. Não me sujeitaria a tanto trabalho por nada.

Que menina! Uauu! Venha aqui sentar com o papai, gatinha!

É a tua, vileira!

Convencida. Perdeu o chope de graça. Vai pra vila beber água de bica enferrujada, mucufa, baranga! Ainda tenho grana para o motel. Este resto precisa ser multiplicado. Os carnês do Sílvio Santos renderam alguma coisa. Mas ambiciono algo além de ser camelô na Rua da Praia. Preciso viajar para o litoral. Quintão, Pinhal, Tramandaí, quem sabe Capão ou Torres? Praia, mulheres,

chope gelado. Leão-de-chácara num bordel. Alguém pode querer um plantonista num edifício em construção. Vendo até castelos no ar, preciso apenas fazer alguém sonhar com eles. Praia, chope gelado, mulheres. Talvez Morena. Se bem que na praia todas querem ficar morena, enquanto oxigenam o cabelo.

Preciso economizar. Ou ir vender carnê na praia. Aqui, sequer chove para que eu venda guarda-chuvas! E tenho a última prestação das roupas, ainda. Dona Francisca quer receber. Anda atrás enchendo meu saco. Quem vende precisa andar bem-arrumado, ela disse. Alongou demais: O visual é importante. Pensei em mulher: valorizam mais a embalagem que o conteúdo. Ela insistiu, empurrando mercadoria: Nunca se sabe quando a sorte nos cairá ao colo. Sorrio: vendedora nata! Sabia que melhor seriam contas a receber que mercadoria estocada. Concordo: sou o melhor vendedor do mundo. Esperem minha hora.

Certa vez li um título numa banca na Feira do Livro: O melhor vendedor do mundo. Pensei processar o autor: não o autorizara a escrever minha biografia. Peguei o exemplar, examinei com cuidado: conselhos imbecis! Gesticulei, esbravejei, tonteei. Precisava queimar esse lixo. Abandonei a banca, mancando discretamente. Somente quando fora da Praça da Alfândega dei-me conta de não tê-lo pago. Voltar era preciso. A honra é a única riqueza do homem, recomendava o pai, que nunca conheci. Voltei, contrariado. A barraca estava cheia. Todas estavam. Poucos adquiriam livros. Como confessar em público que eu havia roubado um livro e vinha pagá-lo? Na verdade, não tinha dinheiro. Como confessar em público que eu havia, portanto, roubado? Com minhas tristes características físicas seria estigmatizado. Como um negro. Sempre bandido; nunca doutor. E não gosto de escândalo. É coisa da ralé. Nesse instante, passam dois brigadianos. Olham-me pelo rabo dos olhos. Odeio brigadiano. Por estratégia, e sabedoria, o silêncio. Afinal, era apenas mais um livro inútil. Talvez os

vendedores gostassem de saber que me ajudaram culturalmente. Para isso servem as livrarias. Fico com o livro, ciente de estar colaborando com os índices oficiais de leitura. Me mando dali.

Deus não colaborava comigo, reclamo com justa ira. Sem um céu de brigadeiro, como decolar no ofício? Chico Buarque é que sabe das coisas. Por consequência, quem é o culpado por minha situação? Sequer sou desdentado e feio. A Globo ainda não me percebeu. Te cuida, Gianecchini! Até aprendi a caminhar disfarçando a rengueira. Sentado aqui, então, pareço normal.

Ó, Deus! Que deusa! Deusa! Deusa!!!! Se não ficasse feio, mais exclamação eu poria...

Me agarro na mesa para não levitar. Tenho asas de borboleta. O benetido é que levita mesmo preso na bragueta. Sou capaz de sublimes versos e divinas cartas de amor. Ela senta, logo diante dos meus olhos. Cruza as pernas. A saia sobe. O benedito também. Ela arfa o peito. Rouba o ar. Um anjo me adverte: Te cuida, gostoso, que teu coração é fraco.

A temperatura sobe, temo o degelo planetário: Outro chope, por favor, urgente!

Irei lá! Confessarei... O quê?...

De repente, todo o repertório de cantadas, minha especialidade, vira nuvem branca soprada pra longe. Nem sorrir consigo. Uma vida inteira à sua espera. O ar me falta. Ela existe! Palavras, não!

Como um relâmpago que rasga a tarde, ela perpassa olhos em torno. Me busca e não me vê. O cinza das árvores empoeiradas filtra-se por seus olhos verdes. Estou purificado. Afundo em esperanças: Aleluia! O céu existe! Ela parece não me ver. Seria cega? E se eu me jogasse do alto da árvore mais alta da Praça XV?

Espera alguém. Decididamente espera alguém. E não sou eu. Ó, céus!

Deveria ser eu!

Ôi, amor, como demoraste!, ela diria se eu lá fosse. Disfarçaria o ciúme temendo me perder outra vez. Arrependida, diria contrita: Mesmo assim, te esperaria até o fim dos tempos. Então se jogaria aos meus pés: Se me dizes que vens às quatro horas, desde as três horas me prepararia para ti, meu pequeno príncipe. Ofendido com o “pequeno”, chutar-lhe-ia as mãos, desprendendo-me. Ela choraria: Bata mais, por favor, meu deus grego!

Desci do Olimpo e chamei o garçom, em voz alta. Muito alta. Ele veio, irritado. Pedi sanduíche aberto. Não é hora para mesquinheza. Preciso investir na imagem. Dona Francisca compreenderá. Talvez a deusa abra o apetite. Posso me oferecer carne em sua cama.

A coragem, que nunca me faltara, fez-se carência diante de tamanha magnitude.

Sua pele veste-se de outra pele. Não sei que tecido lhe desenha os nervos então visíveis. Como se estivesse nua! Ao vê-la retocar o batom, pressinto que ela desenha o arco-íris em meus olhos. Lábios carnudos. Nos gestos, dá vida a Eros. Estar ao seu lado seria viver no epicentro de vulcão ativo.

Preciso engravidar-lhe os pensamentos.

Decido: quando ela sair, a seguirei até aonde trabalha, aonde mora, aonde se esconde. Preciso saber o que faz. Depois, darei jeito de me encostar como espírito obsessivo, até que ela me receba filho em seu ventre num parto inverso.

Putas que pariu. Chegou o gostosão. Que lata! Como consegue uma gata dessas? Grana, só pode ser! Prostituta! Ele dobre-se à frente, encobrindo-a para o beijo.

Meu ódio é instantâneo, intenso. Ácido que a desmancha no ar. Nunca gostara de putas, de carne que se compra em açougues com lusco-fusco de néon, shopping ou com moedas.

Não me engana: chique assim, tem preço! Eu ainda não posso pagar.

Levanto-me, despreocupado com a perna mais curta. Ela não me merece. Levo o copo quase cheio. Jogá-lo-ei na cara da desavergonhada. Rampeira: não se pode confiar em mulher.

De repente, a correria. Vem do terminal dos ônibus, pelo Largo Glênio Peres. Gritam pega-ladrão. E não é comigo. O pive-te-bailarino desvia-se de um e de outro, corre com coisas na mão. Ladrões, filho-das-putas, passam o dia assim. Nunca serão ricos. Nem velhos. O destino de ladrãozinho barato é alimentar vermes em valão ou matagal. Chico Buarque continuava com a razão: puta, esse cara é bom! O guri vem com carregamento: bolsa, documentos, celular. É hora de eu me identificar.

Ela olha também. Alonga seu braço sobre a bolsa. Carece de um herói. O babaca, ao lado, impassível. Eu...

Ágil como cavalo de prado, ainda que manco, abandono o copo sobre a mesa, saltando os degraus, atalhando para encontrar a saída, jogando-me contra o sujeitinho que vem aos saltos feito gafanhoto. Rolamos pelos paralelepípedos, sob aplausos. Levanto, rapidamente, para não dar chance à súcia que, invariavelmente, aparece com estiletos para livrar a cara do cara. A polícia vem atrás. Com os brigadianos, duas policiais militares. Sorriem todos: vitória da lei. O menino com o braço torcido. Grita como se o estivessem matando. Pelo rabo dos olhos, fisgo piedade em olhares calhordas. Os brigadianos nem aí. Covardes. Sempre odiei brigadianos. Cruzo diante das policiais, bicos de tetas esmagados pelo brim grosso. Miro-lhes os peitos e digo: Salve os homens da Lei. Me furam o baço com olhares agudos como saltos Luís XV. Esperto, baixo o olhar e afasto-me, presto. Mas olha o que vejo, quase sob meus pés: o celular. Jogo minha carteira. Junto tudo o que é meu. Agora passará a ser, porra! Examino o aparelho para ver se não está quebrado. Afasto-me de fininho, volto à mesa. Próximo da deusa, sinto dor no braço, faço cara de sofrimento. Ela ignora meu santo martírio. Prossigo, indo ao banheiro. Sem

mancar. O herói tem pose. E celular pré-pago. Fácil habilitá-lo. Funcionários e operadoras são justos: têm olhos vendados no balcão e pensamentos na comissão. Depois, bem depois, lembro-me da deusa. Com celular, serei executivo, um corretor. Estarei vendendo o que sobrou do muro de Berlim, o pó das torres gêmeas ou um arranha-céu em Hong-Kong. E aí, num lampejo de extrema lucidez, me assusto: ela pode sentir-se abandonada e ir embora. Absolutamente nada sei sobre seu mundo e seu número. Retorno, quase correndo, mancando, ao meu lugar.

Ela permanecia, soberana e triste. Pressinto-a com lágrimas. Filho-da-puta, não é que o calhorda a fez chorar! Juro que o mato. Depois do meu último gesto heróico, sabia-me possível agora de tal façanha. Droga: meu chope desaparecera. Garçons ladrões. Bato na mesa, exijo outro chope, ameaço gritar. Ela me olha. Olhava. Indiferente. Indiferente, não; absorta, sim. O garçom, não. Traz o chope. Pela cara do desgraçado, desconfio de arsênico.

O crápula que maltratava a minha deusa se levanta. Beija-a. Nas faces. Rompeu e não se encorajou ao último beijo. Melhor assim: se ela sofrer, desejará consolo. A cama será o melhor remédio. Sorrio, vendo as lágrimas que abundam. Algum celular toca próximo. Ela procura âncora para o olhar. Atendo a chamada, sorrindo, doutor: Sim, pode comprar. À vista! Ela me olha. Olhos marejados. Indiferentes!

O cara abandona a mesa. Vem para o meu lado. Sinto aquela incontrolável vontade de socar-lhe a cara. Justiceiro! Frescão, esse pulha! Afasto a mesa, preparo a perna, cerro punhos e dentes. De repente, ela fala, mais alto que o burburinho da praça: Te cuida, mano!

Minha alma se angeliza: o cara safou-se da surra que receberia. Recolhi, lépido, os olhos do chão onde já antevia dentes caídos. Os dele.

Ela pede a conta. Eu também.

A minha vem primeiro. Reviro o bolso. Os bolsos. Gastei dez a mais do que tenho. Penso rápido. Chamo o garçom, digo que perdi a carteira na briga heróica. Volto mais tarde e acerto tudo. O garçom chama o gerente. Que demora. Ela paga a sua despesa com uma nota de cinqüenta. O garçom me vigia, estrábico. Vem o leão-de-chácara, digo, o gerente. Começa educado e logo vira a página do menu para a ofensa pessoal. Eu acompanho os movimentos de corpo do gerente, enquanto vigio Morena, para não perdê-la na saída. Ela recebe o troco, agradece, deusa, soberana. Todos se voltam, se curvam, sorriem educados. Reviro bolsos, buscando inexistentes cartões de crédito. Deixo aparecer o telefônico. A deusa passa perto. Pára. Ouço-lhe a voz, próxima demais. Doce melodia! Fala com o gerente: Desconta daqui e fica com o troco. O garçom, irônico: Safou-se dessa, malandro!

Olhei-a, humilde. Se ela assoviasse, esfregando polegar e indicador, eu sacudiria o rabinho e a acompanharia latindo. Explico-lhe que perdera a carteira na confusão. Se me der seu telefone, ligo para devolver. Sorriu: Deixa assim! É deusa. Bem como gosto. E tem dinheiro. Com vagar, baixo os olhos, como vi no cinema. Sou humilde. Desço-os pelo seu corpo, despindo-a. Já estou com ela numa suíte.

Ela, perfeita. Eu, nu e desfigurado. Penumbra ficará melhor. Procuvo evitá-la. Ela chora, jurando me amar até que a morte nos separe. Sorrio, compassivo. Ela sorri, agradecida.

Ao lado do garçom, ela continua sorrindo, enquanto aponta para o meu celular com um dedo da mão esquerda. Coro. Com o indicador da outra mão, maliciosa, ela repuxa levemente uma das pálpebras inferiores, como quem diz que percebera meu “achado”. Achado não é roubado, desejaria dizer, mas calo. Sou inocente, insisti comigo mesmo. Ela sorri inoculando-me humilhante veneno. Deboche! Isso exige vingança. Jamais a esquecerei,

tive absoluta certeza. Esta é uma qualidade daqueles que, mesmo com asas de borboleta, têm o coração de rato. Meu ódio permanecerá indelével.

Sentado, olho para o obelisco na Praça da Matriz. O Teatro São Pedro me fascina. Há mistérios entre nós. O sucesso, talvez? Porém, hoje, ratos me habitam o porão. Mordiscam neurônios. Não costumo esquentar a cabeça com sentimentos depressivos. Culpa é alimento para padre e psiquiatra. Ambos lucram com a culpa. Por isso, como quem não quer lacraias no porão, não as alimento. Como-as, se gordas. Porém, hoje, elas estão famintas. Querem sopa dos meus miolos.

Ultimamente, uma série de infelicidades. Fracassos, não! Não admito palavras negativas. Sou otimista. Aprende-se com a experiência. Mas que têm ratos roendo meu coração, ah, isso tem! De vez em quando, me sobem à garganta e não consigo vomitá-los.

Quando era menino, bastava ir ao padre e dizer das culpas. Perdi a fé na missa. Ou na confissão? Gosto de padres e pastores. Algo em suas ingenuidades me comove. Então, foi na confissão que perdi a fé. Perdão se pede aos ofendidos. Não lembro de ninguém. Sou bom. Mereço melhor sorte. Virá. Deus é justo. Porém, como adquirir paz na consciência. Resta o psiquiatra. Caro! Muito caro! Por exclusão, sobra o padre.

É tarde e o pôr-do-sol fere a cidade. O sangue de Cristo se esparrama como bálsamo sobre o Guaíba. Me alcança. Olho em torno, pescando a beleza. Vejo torres da Igreja Matriz. Percebo-me de queixo caído. Etilicamente. Embriagado com a imponência dos sinos, com a magnitude dos vitrais e o resto da última garrafa. Comovido. A santidade me comove. Me atrai. E se eu fosse à confissão, Deus negociaria comigo?

Ajeito o casaco sobre os ombros, mãos no que me sobrou dos cabelos. Abandono a garrafa num tufo verde na Praça da Matriz. Os sinos repicam. Solenes! Coincidência: estou no lugar certo na hora certa. Deus me chama. Algo me espera. Sem dúvida, Ele olhou para baixo e disse: Amém! Hoje é teu dia.

Atravesso a avenida e subo, solene, as escadarias e não encontro o tradicional cheiro de mijo. Os mendigos se evangelizaram ou foram corridos pelo padre. Persigno-me. Ó, Senhor, livrai-me dos homens zelosos e sem alma. Ah, e não esquece: aniquilai cães e gatos, pobres e bandidos. Fulmine as mulheres feias e os viados. Derrame sobre a miséria alheia seu olhar irado. Afaste de mim esse cálice ora vazio ora amargo, nunca com bebida de qualidade. E assim, de olhar no chão, contrito, procuro lugar solitário para reconciliar-me com o Pai. Os ratos continuam me roendo neurônios. Sustento minha fé: o padre é mais barato que o psiquiatra. Deixo passar alguns minutos. Ele entra no confessional. Penso no equilíbrio das contas. Crio coragem. Faz tanto tempo. Talvez umas três encarnações. Não sei o que é pecado. Fui depurado nas pedras do calvário. No entanto, prossigo, por sede de respostas. Sou assim: filósofo. Caminho devagar, como se estivesse a caminho do juízo final: prometo dizer a verdade... Preciso dizer a verdade, inocentar-me de mim... Algo dará certo em minha vida se estiver em paz com Deus. É preciso ter pecados para se ir à confissão. Deus ama perdoar. Eu adoro pecar. Assim nos encontramos.

Padre, pequei. Foram tantos os pecados que temo pecar só em repeti-los. Melhor economizar: pequei por pensamentos, palavras e obras... Pequei por necessidade (pequenos pecados são ferramentas da sobrevivência); pequei pela carne (sem a carne como a alma se vestirá para louvar a Deus?); pequei pela luxúria (as mulheres ousam demais e somos fracos pela carne, vosso produto, Senhor!); pequei contra a mulher do próximo (mas só

por que me escondes Morena. Onde a posso encontrar para que não mais peque?); pequei, enfim, Senhor, contra mim mesmo (a punição é olhar minha cara no espelho. Mas sou caridoso, suportto-me com estoicismo. E não apenas me suportto, como tenho prazer em estar comigo. Quase orgasmo. Por vezes, orgasmo, sim!); enfim, Senhor, entre o que vos devo e o que me deves, espero algum troco.

Já inocentado pela saudável prática filosófica, dirijo-me ao confessionário. Mas logo divina imagem me ofusca, absolutamente sacra, que renova minha fé na humanidade e que acentua meu respeito pela criação divina. Há tanta sublimação naquele rosto que me ajoelho ao lado. O perfume que usa é amadeirado, sensual. Nem por arte do demônio eu resistiria. Peço licença, sento-me próximo, com respeitosa distância. O lugar é sagrado. Mas vou escorregando, aspirando, quase lhe roço a saia. Ela move os lábios em prece. A angelitude vestiu-se de carne. Minhas asas me sublimam. Ascendo-me. Acendo-me! A brisa primaveril nasce daquela boca. Tem aliança no dedo. Casada! Sempre alguém chega primeiro. Como será ela em casa, na cama. Em suas pálpebras cerradas antevejo a penumbra do quarto. Ela e o marido. Deveria ser eu! Ela se desnuda. Me chama. Tem unhas que despertam meus instintos mais selvagens. Ajoelha-se ao lado da cama. Abre os braços. Me acaricia dos pés à cabeça. A boca carnuda lambe meu corpo. Desce pelo peito. Umedece meu umbigo. Benzo-me, buscando quebrar algemas da tentação. Olho para o altar. Peço forças. Santos são surdos? Por que não me ajudam? Irresistível não olhar para ela. Contrita, piedosa. São essas, quando se soltam, as melhores amantes. Santa Madalena, Santa Teresa d'Ávila etc. amem! Na penumbra do quarto, pacificam-se demônios. Ela me morde, delicada. Envolve-me com a língua, aquecendo-me com seu hálito quente. A temperatura sobe. Fogueira! Todos os meus pecados são queimados na acidez de seus sucos. Os pecados são

expulsos de mim. Jorram. Purificado! Agora sou outro: leve e inocente. Bem-aventurados os puros de coração. Ela permanece sentada, piedosa, lábios em prece, inocente dos meus pecados. Hipócrita! Sou crápula, indigno de desatar-lhe as sandálias. Que pés! Que pernas! Imagino-lhe as coxas. Morenas! Os delicados lábios em prece clamando por minha piedade, por minha bênção! Volto os olhos para o altar, para onde ela foge. Acompanho-a como marido zeloso que serei. Prometo. Fulmina-me, Senhor, que profano o templo com minha lascívia, já que não posso sujar os lençóis do quarto dela.

Tenho alma de rato. Preciso me esconder dos olhos de Deus. Não encontro asas.

Nem pecando Deus me vê. Não me encontra para realizar a divina caridade de me fazer milionário, carrões e mansão. E marido de morena! Ah, Senhor, vamos negociar? Como serei bom! Prometo!

Ainda no corredor, a via-sacra mostra Jesus morto, por meus pecados, repousando a alma no colo das santas mulheres. Preciso dessa paz. Se Deus repousa nelas... Preciso procurá-las.

Desço a General Câmara até a Sete de Setembro. Dobro à direita, sigo com olhos de rato, espreitando carnes. Atravesso o Mercado Público. O cheiro é forte. Salames eretos e frutas lascivas; ervas e cereais; peixes e carnes secas: salivo quase vegetariano. Desvio do terminal, penetro pela Voluntários da Pátria. Vampiro. Próximo da Avenida Farrapos vejo a calçada como uma vitrina com frangas. A primeira não me deixa escolha. Subimos para o hotel de quinta. Na penumbra da portaria, o troglodita exige pagamento adiantado. Concordo. Dou uma nota de cinquenta. Pode ficar com o troco. Ele sorri, dobra a nota, enfia no bolso. Respiro livre: falsa! No quarto, a branquela se despe. Tem cintura protuberante, gravidez recente. Feridas pelo corpo, varizes e estrias como rios num mapa amazônico. Boneca de cera. Tosse. Fecho

os olhos, apago a luz. Ela liga o taxímetro: Meia hora, benhê! Me chama com treinado amor: Vem, vamos fazê amor! Tem voz de catarrenta, o hálito de carniceira, o sotaque de colona com balaio às costas. Essa, nem urubu come! Em nada lembra Morena! E é de Morena o meu desespero! Morena, doce e culta; Morena apaixonada e ardente. Toda e unicamente minha. Morena me agasalha ao colo moreno. Sua carne é doce e terna; hálito de primavera florida. Seu corpo está iluminado pela tarde porto-alegrense à beira do Guaíba. O apartamento é cobertura na Bela Vista. A tarde se esconde para Morena brilhar como lua cheia. Acende estrelas em minha noite.

Ai, devagar, benzinho!

Cala a boca, bruaca!

Custo a reencontrar Morena. Fecho os olhos, aspiro o fedor de carne suada, rancenta, talvez podre. Morena é limpa, cheirosa. Deusa! Embriago-me dela. Por ela, me lanço às profundezas desse inferno para me purificar, para fazer nascer asas de borboleta. Deus, como isso é bom!

Ai, benzinho, tu me machuca!

A voz é acinte: não tem o ritmo moreno. Sou obrigado a gritar cala a boca. E compassivo advirto: Se falares novamente, te arreberto.

Animal! ela responde.

Dialogo com porradas. Faço plam! Ela faz ai!

No silêncio, ouço o choro. Morena chora de prazer: Vamos, amor, o céu nos espera. Sinto o vulcão irrompendo de mim, abre-se o céu e o inferno. Com porradas elas afrouxam. Anjos e demônios percorrem minhas veias, os canais secretores. Grito. Grito. Grito: Morena! Meu grito ecoa pelo Universo. Ela me ouve, me chama.

Benhê!

Vou... Estou indo, amor. Agora!

E a bruaca insiste em abrir a boca com cheiro de cu de velha: Tu tá me machucando, benhê! Vou gritá!

Grita que te arrebento!

Socorro!

Recomeço a bater, sem piedade. Tem mulher que gosta. Ela insiste no grito histérico. Soco-lhe o ventre. Ela, quase sem respirar, grita, como se eu a estivesse matando. Morena, discreta, se recolhe entre nuvens.

Desgraçada, me fez perder Morena. Deixo o peso do punho emplastar seu nariz com sangue e ranho. Ela grita, grita, grita e eu bato mais, mais, mais. Então, o orgasmo se repete, exuberante. Bato pela última vez e ela se entrega, dócil. Sinto-me capaz de atravessar seu ventre com minha espada. Ela é Morena, calada e ferida, submissa a morrer de amor por mim.

Ajeito-me nas roupas. Ela, apagada. Compassivo, sou assim, jogo algumas moedas sobre a cama. Asas de borboleta, tenho. O rato dorme, apaziguado. No espelho, encontro-me entre a ferrugem. Ajeito o último tufo de cabelos com o pente dos dedos. Lindo, sou! Lindo e romântico. Feliz, despeço-me. Jogo um beijo. Escarro para o lado. Ela, apaziguada, dorme.

Ao abrir a porta, dois caras se jogam pra dentro, pra cima de mim. Venderei caro o meu couro. Eles não sabem que luto capoeira. Faço pose. Fingir pode ajudar. O mais forte dá uma gargalhada, me enche de perdigotos. Urra e solta o braço.

Acordo!

Ratos sobre o rosto. Lambem o sangue que escorrera do nariz. Abro os olhos. O universo me esmaga; o big-bang me implodiu. O esgoto escorre pelo meio-fio, sob meu rosto. O rato resiste, esmigalhado. Olho para o céu, penso no orgasmo estratosférico que tivera: Morena, tenho asas de borboleta! Me espera, amor, vou te encontrar linda como a noite. Reinaremos sob o céu. Morena me cobre. Nenhuma luz no universo.

O Pronto-Socorro é filial de Auschwitz. Esses gemidos próximos ainda me matam. Essa gente parece parir por meia dúzia de ossos quebrados, cortes abertos, torções. Ei, devagar com isso, doutor! Sabe que dói, não? Ele aperta alguma parte do que sobrou de mim: Dói? E acrescenta, caridoso: O que arde, cura; o que aperta solda ossos quebrados. Muitos, doutor? Algumas costelas, o braço, o nariz. Sobrou alguma coisa inteira em mim? Nem a carteira de identidade. Filhos-da-puta: volto lá e acerto a deles. Vão ver. Não perdem por esperar meu trem negro. Pago-lhes passagens. Para o inferno. E a vagabundinha terá seu troco.

Ei, devagar. Não sou um saco de batatas!

Pareço o Michael Jackson, de tão branco. Pureza do gesso! Como Morena me reconhecerá, assim, múmia? Nem Morena, agora, me faria ter uma ereção. Ela existe? Onde estará? Pensar nela me acende fogo no peito, me renova a certeza de que, em algum lugar, ela me espera.

Entregam-me bebê aos cuidados da mamã. Ela chora e me enche o saco com reprimendas. As mesmas. Sei, mãe, que avistaste, mas cala a boca antes que minha cabeça exploda. Te amo, doce mãezinha, mas se não fechares essa boca desdentada ainda te mato!

Providencio a seguridade social. Afinal, o governo tá aí pra quê? Fui atropelado por duas jamantas de uma só vez, me justifico. Estou impossibilitado de trabalhar. Quando sair grana, pensarei na praia. Agora, sim; vou de mala e cuia. Água de coco com álcool. Por alguns meses terei vida fácil. Mas que merda, me dou conta: ainda é inverno! Nem moscas na praia nesta época; o vento é uma chatice; areia nos olhos; cheiro de peixe podre; conversa de marisqueiro com zé-da-obra.

Manietado pelo gesso, suporto dias e semanas do inverno porto-alegrense: frio e umidade. Não posso caminhar. Só dobrar

o corpo, coçar; tomar banho, mijar, coçar; sentar, corredor, mesa da cozinha, coçar; olhar a tevê, a calçada, coçar. Inferno! Não mereço isso, Pai! Por que me abandonaste?

Mas nenhum céu se abre; nenhum inferno me engole. Asas atrofiadas. O rato sem banho fede.

Aprendo que céu é uma conta bancária com limite inesgotável; inferno é o gerente e o juro. Inferno, constato, é absoluto, universal e atemporal; céu é utopia morena. Isso aprendo entre impropérios e gemidos. Semanas depois volto ao hospital para tirar o gesso. Já não dói. Mas não tenho movimentos. Fisioterapia, recomenda o médico. Lá vou, pela sombra, rengueando mais que cobra na areia quente. Uma fisioterapeuta bonita, eu desejava. Um negrão de dois metros me traumatiza. Não lembro com saudade dos negrões. Homem não me faz a cabeça. Mulher me faz levadá-la, não agora!

Um dia esquecerás isso, consola o negrão com manoplas de aço. As dores não deixam esquecer, respondo. Psicológicas, afirma o sábio e isento técnico; uma merda, respondo. Sou quem sabe onde aperta o sapato. Mas passará, garante o troglotologista muito depois. Irrito-me, mas ufa! Afinal, não é que, intermináveis semanas depois, passou... passou mesmo! Uuuuufaaaaa! Voltaram minhas asas de borboleta. Flano por sonhos e projetos.

Um dia, caminhando pelo bairro, recebo tapinha nas costas, convite para churrasco. Sim, um candidato a vereador! Olho para o sujeito-manteiga e encontro alguma afinidade. Sou vendedor, de raciocínio rápido, que não deixa bola picando na área. Até de olhos vendados eu percebo mercadoria disponível e comprador potencial. Sorrio, tiete: Como o doutor está de cabo eleitoral neste bairro? Sai alguma bufufa? Ele me examina. Não posso perder a boquinha: Me anuncio como o publicitário do ano.

Repito minha marca Cocô-Cola: Ensaco merda e faço comprar, garanto. Ele ri, agradecido pela comparação. Desculpo-me, cortês: Que é isso, doutor? Só quis dizer que a arte da venda dispensa qualidade do produto e comprador voluntário. Tornou a rir: Quanto mais emendas, mais cagas fora do penico. Finjo não perceber sua arenga. Não é hora de combater por picuinhas. Prosigo: Carece apenas fazer com que o eleitor descubra que precisa de um homem com a sua competência, honestidade e brio. Se o amigo não me negar a oportunidade, estaremos eleitos. Quantos votos o amigo espera neste bairro de merda? O que levo, se o doutor conseguir?

Ele topou.

Insisto: Se conseguir o dobro?

Encontrei o saco plástico que precisava! Entrei imediatamente em campanha. Pus casaco e gravata comprados na Cáritas: o povo confia mais na aparência do que no histórico. Estudei sua proposta política. Melhor, cômico de que o país precisa de reformas políticas, aperfeiçoei sua proposta, ainda que ele não soubesse, e visitei, como um anjo da guarda deveria visitar, cada lar do bairro pobre. Bati em portas de casa e de loja, abracei camêlo e mendigo. Tem título de eleitor? Se não, lhe arranjo um. Haja estômago para tanto cafezinho, chimarrão, suco de pacote, pastéis de vento, feijão com farinha: que sacrifícios não faço pelo meu deus? Preciso pedir taxa de insalubridade. Gritei aleluias em templos evangélicos e saudei meu pai-de-santo no terreiro Ogum-megê. Entrei em centro espírita, negocieei com padre e com pastor. Conteí tanta anedota que tive deslocamento de mandíbula, e ouvi tantas queixas que me senti madre Teresa de Calcutá. Tínhamos, enfim, uma campanha forte sustentada por promessas. E dinheiro. Esse, nem tanto. Mas sobravam beiradas, multiplicadas nas despesas que eu enjambava e aplicava em fundos de bolsos. Meus, claro! Anunciei, com palavra de bispo: após a eleição, dez milhões de empregos; fome zero; posto de saúde com medica-

mentos gratuitos; posto policial em cada quarteirão; asfalto em todas as ruas e linha de lotação com final de semana grátis. Seria o primeiro vereador cem por cento ético: Conosco no governo, os corruptos serão perseguidos, processados, cassados sem direito à renúncia e, se preciso, exterminados.

No dia do pega-para-capar, consegui fazer boca-de-urna em dois lugares ao mesmo tempo. Estava mais do que confiante, embora devesse grana para cada voto de última hora. O doutor cansado, abatido, desanimado. Enfim, fodido!

Encerrado o pleito democrático e honesto, como sempre, afundei no sono, curtindo um porre de amaciar casco de tartaruga. Afinal, era um trabalhador novamente desempregado. No dia seguinte à apuração, bateram forte na minha porta. Gritei com a mãe, mas ela não respondeu. Tinha ido confiar sua fé ao bicheiro da esquina. Bateram novamente, mais forte. Gritei, de novo: Vai derrubar essa porta, porra! Fui abrir. Reconheci os gorilas que faziam segurança para o meu candidato: O doutor mandou te buscar. Temi, pensando na porta dos fundos. Chaveada, porra! O que queria o homem? Já fiz mais do que o mandado! Vem!, ordenaram os cupinchas, com caras estranhas. Fui para o calvário. Ele me fez sentar, mandou trazer uísque. Pensei, se for paraguaio é tortura. Desconfiei daquele tratamento como se eu fosse Deus. Não era! Era apenas o melhor vendedor do mundo. Vendera merda e dera cagada, com certeza. Por fim, ele abriu a boca: Ensacas merda... não me esqueci. Vacilei: Que é isso, doutor? Fiz o que pude. Não tenho culpa se essa gentinha de merda não cumpre promessas de votar no senhor. Me explicou: Fiz cinco vezes mais votos, lá na vila, do que esperava. E por isso estamos eleitos!

Aleluia! Aleluia! Aleeluuuuiaaa! Adorei o estamos!...

Vens trabalhar comigo!

Abriram-se as portas do céu. Deus até que enfim me sorria.

Meu homem eleito olhava para a janela, o morro distante, o pôr-do-sol, a Assembléia, o Palácio do Governo... Repetia com olhinhos de comprador de loteria esportiva: Ainda chego lá... Juro que vi em seus olhos os traços egípcios do Palácio da Alvorada. Ou eram nos meus?...

Viva a política brasileira! Sou um homem rengo, empregado, com secretária, mesa, casaco e gravata. Tão imprescindível quanto batata-palha: não serve para nada, mas está em todas. Respeitam-me. Ajudo a escrever discursos faustosos. E, sobretudo, entre abraços, cafezinhos, cartões, vou enrolando os eleitores que vêm, todos os dias, cobrar as promessas de campanha. Mostro-lhes cópias dos projetos-de-lei que o nobre e valoroso vereador apresentou (um: o nome do seu pai a uma rua de periferia) ou apresentará (quase todos) à Câmara de Vereadores da Capital. Acuso os votos contrários nas discussões em plenário. Dou nome aos inimigos. Instilo ódio aos boicotadores. Para mudar isso, explico, só se ele for eleito deputado estadual, federal ou senador. Coisa boa é ver a confiança estampada nas faces felizes dos eleitores. Comem merda e sorriem satisfeitos. Ainda vamos longe. Haja saco plástico!...

Jogo-me para trás na cadeira giratória. Acendo o charuto (passei a fumar! Agora posso), e penso em Morena. Ela se orgulharia de mim.

Surpresa! Olha quem vem entrando! Não tem asas, mas levita. Algo em mim também levita, instantâneo. Penso em desespero.

Oi, amor, cansado de trabalhar? Enxugo o suor com o antebraço, ajeito a gravata. Ela vem de beijos úmidos. Superiores e inferiores (imagino). Transpira sensualidade. Sinto todos os pêlos arrepiados. Essa mulher tem corrente elétrica nos olhos.

Amou-me à primeira vista. Eu, atrás da escrivadinha, a esconder a perna renga.

Antes de sair, me alertou: Tem dentista de graça na Câmara. Vê se arruma esses morde-mordes. Cobri imediatamente a boca com a mão aberta. Perguntei-lhe: me quer para comer milho? Sorri com os olhos, que é o melhor e mais convincente sorriso. Ela também. Saiu, vencida. Deixou seu cartão sobre minha mesa: Entregue esta circular ao vereador!

Era a nova secretária do Presidente da Câmara.

O telefone rasgou-me o sono. Um fio de baba escorria-me pelo queixo, descia à gravata, manchava a braguilha.

Capítulo 3

Ar condicionado, jornal diário, cafezinho; telefone grátis, papo furado, cafezinho; jogos no computador, charuto (ódio, mas dá charme), cafezinho; mulheres, amigos... Amigos?! E cafezinho; eleitores, eleitores, eleitores: que chatice. Porra! Não se mancam? Pensam que não se tem o que fazer aqui? Confundem essa nobre Casa do Povo com o rancho da mãe Joana.

Duas vezes ao dia visito Morena; ela finge me ignorar. Percebo. A arte da venda está na permanência da marca: Cocô-Cola, ah! Não sou merda. Ela há de querer ter um "eu" com ela. Afinal, sou o melhor vendedor da terra e o feio mais bonito do mundo. Insisto: você precisa experimentar! Dois por um: um gênio genial e um macho de qualidade. Ela ri, balança o ombro com desdém. Sorrio e saio: é preciso deixar espaço para a saudade. À tarde, voltarei.

Pelo corredor, o tique-taque de meus passos irregulares. Isso não será problema: o rei também é manco e traça as atrizes. Crio alguns gestos, como o da mão empalmada à testa, retirando para quem encontro, em respeito servil, o chapéu que não uso. Passaram a me tratar por doutor. Sorrio creme dental. Tenho agora dentes. Todos! Odontólogo gratuito, aqui. O povo lá fora, sífu! Noutro dia, fiz checápi. Inteiro. Da cabeça para baixo; do buraco para cima. Estou oquêi! Mais tesudo que guri. Odiei o procto... (ginecologista de veado!).

Ao dobrar no corredor, puxaram-me pelo braço. Antes de reagir, examinarei o sujeito: não gosto de pegajosos. Mas vá que seja o Presidente da Casa me pedindo algum conselho! Ah, é

a presidenta do Clube das Mães da Vila Qualquer Coisa. Honra! Beijos (essa mulherada gruda mais que merda de cachorro em sola de sapato: Cocô-Cola!). Ao que devemos essa visita, querida? Ah, um aparelho de vídeo e uma tevê para o lar das crianças carentes... Nobre, isso! Sim, sem dúvida, nosso magnânimo vereador fará o possível. Ainda hoje trataremos disso. Acompanha-me num cafezinho? Tem pressa? Perderá o ônibus? Ó, pena! Vá com Deus! Antes da sala, um picadinho de papel dorme na lixeira. Se o doutor fosse atender todos os pedidos, consumiria cinquenta salários dos dele, mais os vinte por cento que leva do meu.

Mais cafezinho. Sexo dos anjos; mulheres na Playboy; escândalo no Congresso. Que mesmice!

No plenário discutem o próximo Carnaval. Pão e circo: bumbum e bum-bum anestesiaram consciências enquanto capim no bucho, churrasco de gato e cachaça braba acalmam a manada. Viva o povo brasileiro!

À noite, carro à disposição para representar o vereador na reunião da Associação dos Moradores na Vila Deus me Livre. Senhores moradores, vocês que são humildes, trabalhadores e honestos, precisam realmente lutar por vossos direitos e pela qualidade de vida nesse mui leal e valoroso bairro. E nosso vereador, por absoluto dever, gratidão e generosidade está ao lado de vocês nessa luta. Se tivermos união e um representante forte, vossas reivindicações – que também são as nossas – serão, sim, atendidas. Nosso vereador se oferece para, como honra inaudita, representá-los. Não obstante, (puta merda, como falo bem!) para um projeto alcançar seus magnos objetivos, precisa ser consistente, bem-estruturado, justificado, elaborado com propriedade, sustentado pela razão e com números precisos. Se não, será obstruído nos canais burocráticos, volta à estaca zero; enfim, caduca por má apresentação (faço pausa para aplausos, mas, estúpidos, não aproveitam). Para evitar isso, nosso edil contratou empresa

idônea, com experiência no setor, para elaborar, segundo as normas legais, o melhor projeto para nossa comunidade. Essa empresa tem, dentro da máquina pública, agentes prestativos que nos podem facilitar os trâmites burocráticos. Não percamos tempo. Nosso amado vereador e sua equipe, à qual tenho a honra de presidir, já conseguiram o terreno da prefeitura (que sorte termos descoberto a área que já havia sido destinada). A construção do imóvel corre por conta da comunidade. Mas não esquentem a cabeça: nosso vereador se propõe, como forma de retribuir os votos aqui recebidos, conseguir a metade do custo desse orçamento que aqui trago para aprovação de vocês, com a justificativa técnica, desse projeto arquitetônico, já com o laudo final para que, após tantos anos de vãs reivindicações, sem que nenhum outro vereador tenha lhes manifestado igual apreço, o projeto seja finalmente protocolado (Agora, sim, vêm os aplausos. Claro, eu comeci). Que todos examinem, discutam e aprovem, se estiverem de acordo. E... então?... Então!... Como ninguém apresenta objeção (é preciso não lhes dar tempo), sugiro que aprovemos por unanimidade, por aclamação. Isso, por aclamação! Vamos ver: quem estiver contra o futuro promissor dessa comunidade – inimigo, melhor dizendo –, que levante a mão. (Conto até crianças de colo que não puderam levantar as mãozinhas.) Como ninguém confere, dou por aprovado. Obrigado, amigos. Obrigado, sois progressistas. E generosos.

Sim, sim! Formaremos uma comissão fiscalizadora, pois, onde entra dinheiro, sempre aparece o salafrário. É preciso vigiar o galinheiro. Não! Não! Nada contra vossas honradas esposas e filhas. Mas, como ia dizendo, o nosso mui leal vereador quer absoluta transparência, por isso oferece um contador de sua extrema confiança. Sem custo para a comunidade, é claro! Quem mais se apresenta para tão espinhosa comissão? Sei que ela exigirá sacrifício, doação de tempo, renúncia à família, ao futebol e à sinuca, e

que não será remunerada! Renúncia de horas de sono em prol de muitas e cansativas reuniões. Ninguém? Bem, daremos um jeito no devido tempo. Ou posso representá-los...

Aprovada a merda, ensaco tudo. A comissão da empresa de engenharia será muito boa. Além, é claro, de o custo total estar embutido nos cinquenta por cento que a comunidade pagará. O vereador fica com a fama. Eu, com parte do troco.

Agora música para comemorar nossa entrada em um novo milênio. E cerveja. E arroz-de-carreiteiro, tomate e cebola. Ah, Caco Antíbes!... De quebra, a simpatia da passista. Como rebola essa negrinha. Que bunda. Veneno nos olhos e o demônio no corpo. O que fazes, garota? Doméstica! Isso não é profissão digna da tua pessoa. Vamos ver algum lugar na Câmara ou um emprego de secretária. Gostarias? Falas alguma língua? O português (e bota mal, porra!). Que pena! Manjas computadores? Só joguinho!? Eu também! Essa praga vicia. Estudas? Tens que fazer um esforço. Só com a Educação Infantil não poderás clinicar nem em prostíbulo de classe média. Ah? Esquece essa palavra! Fazer cafezinho, sabes? Lógico, se aprende fácil o gosto de cada um. Portanto, precisamos conversar mais. Acho que resolvo o teu problema (e o meu). O que vais fazer hoje? Topas? Pena!

Pensa, garota, em vestidos novos, grana no bolso, quem sabe um apartamento interessante? É preciso ter ambição na vida. Já tomaste vinho importado?

Pensa, garota: não percas o teu bilhete premiado!

Topas? Garota inteligente!

Este prato é francês, chiquérrimo! Melhor que feijão, arroz. Preferes um carreiteiro? (Isso quando se tem grana para a carne, né? O custo de vida está pelos olhos da cara! Caro, isso? Pra mim é mingau! Eu te ensino a ganhar a vida com facilidade. Queres aprender, mudar? Serás deusa, gatinha!

Faceirinha a menina. Embriagada, ri às gargalhadas de

qualquer imbecilidade que digo. Está pronta. Garçom, a conta. Peço nota, deixo gorjeta de 1%. Direto para Ipanema, um motel fino. Ela continua rindo, à-toa. Champanha. Devagar, precisas estar em condições para o amor, gatinha assanhada. Ela mia. Dou a primeira, a segunda em seguida. Uauuu! O que ela faz com o corpo. Profissional. Não gosto de puta. Mais devagar, guria. A mulher tem que ser um pouco recatada. Não! Isso não! Pára de rir, idiota. Porra, tenho que bater para acalmar essa galinha. Calate, bruaca!

Foi difícil botar ela no carro; mais difícil, fazê-la descer, na vila. Fácil abrir sua bolsa e reaver meu cartão de visita. Como vou explicar esse sangue no banco. Dirijo em silêncio. Ela acorda, pergunta onde estamos. Quer um cigarro. Digo que o meu terminou. Que becos fodidos! Merda! Como podem morar assim? No beco, carro não entra! E se me assaltam? Não posso me arriscar. A política brasileira precisa de gente como eu: viva!

Deixo-a sentada no cordão da calçada de uma rua qualquer próxima de algum lugar que não sei onde. Que o diabo a leve. Que caridade fiz, mostrando à bêbada as portas do Paradise Motel! Acendo o cigarro, acelero mais. Preciso escapar dessa droga de vila. A prefeitura precisa asfaltar essas ruas, canalizar esse esgoto a céu aberto. Tenho que pensar nisso. Pode render. Esse povo vive como rato. Quem tem asas de borboleta, como eu, se manda daqui. De preferência, vivo. Me proteja, Senhor!

Haja saco para essa rotina. Ninguém aqui faz nada. No entanto, o mundo se move. Trabalho ideal: paquerar Morena. Mais cafezinho, atender telefone, levar correspondência; receber uns chatos, ler jornal, cafezinho; banheiro, pensar em Morena, correr à sua sala. Aceitar cafezinho, esperar o momento, dar o bote. Que jogo de cena! Gianecchini, te cuida! Merda. Morena

Durante a tarde, ligo-lhe várias vezes: É de verdade?

Ainda não acredito. Que me importa o seu passado? Tenho asas de borboleta, isento de ciúme e preconceitos. Sou capaz de perdoar as noites que passou com o presidente da Câmara, com os secretários, com o ascensorista, com a arquibancada inteira do Estádio Olímpico. Viva o amor!

Sem asas de borboleta, o dia não passa. No gabinete, todos já sabem. Lógico que eu espalharia: fama de comedor e de rico, ainda que falsas, ajuda na elevação do homem. Sou o maior vendedor do mundo! Às vezes, menosprezo minhas qualidades. Ela topou! Aleluia! Não levei nem três anos para conquistá-la.

Quero buscá-la em casa, mas o carro está à disposição do secretário do vereador. Porra! Quando a gente precisa, essa camarilha falha. Políticos são assim. Ligo para minha deusa. Ela entende. Tem carro! Que eu vá direto; Chegará à meia-noite. Mesmo que ela chegasse numa abóbora, não seria menos bonita. E ainda que fosse daqui a mil anos, eu a esperaria. O amor tem essa força.

Capítulo 4

Dez da noite, o primeiro orgasmo. Nervosíssimo; onze, já tomei alguns uísques; meia-noite, tenho que fechar olhos e respirar como iogue para não morrer: tensão e adrenalina. Bar lotado, gente estranha! Sou rei numa mesa de quatro lugares: a plebe acotovela-se. A penumbra garante que os feios pareçam menos feios. O garçom me olha atravessado. Morena atrasa. Mulheres gostam disso. O garçom pergunta se vem mais gente. Porra! Charme de noiva, explico! Peço paciência. Se ela não aparecer em seguida, decido, vou embora e a deixo aqui. Lamentará o que perdeu. Broda-se!

Uma da manhã. Nada! Duas horas: nem sinal da vagabunda. Não me sabia tão fraco para a bebida. Já não distingo rostos na sombra. O garçom, sem pedir licença, acomoda gente em minha mesa. As asas de borboleta continuam palpitantes: a espera tem doloridos espinhos de dúvida. Quem disse isso? O rato acorda sobre a mesa: A cretina demora demais. Afio dentes; aponto unhas. ETs puxam conversa. Meu ritmo labial é para Morena. O garçom disfarça o riso: Te deram o cano, doutor! À puta que te pariu, salário mínimo.

Quase três e nada. Desperto do cochilo sobre a mesa, quando anunciam o show da cantora. Negra. Só para isso servem as negras. Ou para prostitutas. E negro, pra jogador de futebol ou pra bandido. Odeio negros. Bocejo. Mas que corpo tem essa negra! Para jogador de futebol não serve. Se bem!... Daria bola pra mim? Um fio de baba me escorre do queixo. Ela abre a boca e os dentes extremamente brancos me comem vivo. Canta olhando para um e para outro, como se cantasse para todos. Até para

mim, canta. Estremeço. O uísque me deixa assim, ruflando asas. Já disse? Sou rato com asas de borboleta! Estremeço quando ela volta a me olhar. Olhos negros fixos. Em mim! Relembro Morena, atrasadíssima. Faço discreto sinal. A diva me olha, de novo, de novo e de novo e; E olha para todos, um por um, cada vez menos; E olha para mim, cada vez mais. Odeio negra. Principalmente, quando distante dos meus braços. Ela sorri. Sorriu! Para mim, ela sorriu. Gente, ela sorriu para mim! Pra mim! Acabo de acordar definitivamente. Mais sóbrio e teso do que preso. Ih, rimou. O amor me faz poeta.

Passo as mãos sobre os olhos. Poeticamente, cerro-os. Apago a morena. Ao abri-los, encontro Morena, a deusa africana me olhando e sorrindo, triste ao embalo de bolero meloso, dolorido: Besame... besame mucho!... que tengo miedo, muy miedo de perderte otra vez... Aponto-me. Ela percebe. Juro que a vejo com lágrimas nos olhos. Esmeraldas! Joalheiro, sou! Se ela procura o amor, de mesa em mesa, todas as noites, acaba por tirar a sorte grande. Ousado, aponto com dedos insistentes para o amado perfeito: Estou aqui, ó. Mostro a única cadeira vazia. Ela cerra, discretamente, os olhos, e diz sim com delicado movimento da cabeça. Orgasmo! Sopra-me ardente beijo. Arde meu coração. Queima. Hoje teremos rato chamuscado. Morena bem passada.

Mais vinte minutos e ela anuncia o intervalo. Taquicardia! Não pode ser. Isso nunca aconteceu antes. Sim, sonho! Bebe água. Agradece aos músicos. Caminha pela lateral, vem! Mentira, isso! Tento recuperar Morena: a filha-da-puta sacaneou! Mulheres são falsas, cínicas, merecem se foder! Prostitutas. Mulher a gente tem que usar, abusar e largar. Não merecem outra. As negras são piores!

Na luz, será ela realmente linda? Essa hora, nessa penumbra, qualquer vagabunda é Naomi Campbell.

Ah!

Yes! Please! Sit down! Aí lembro que cavalheiros se levantam à aproximação das damas, puxam a cadeira. Levanto rápido, mas ela já sentara. Sorri. Chama o garçom: Champanha! Prostituta, já pede o mais caro. Lógico, armação com a casa. Ela que pague! O garçom não se faz de rogado. Idiota, mando incluir na minha conta. Ela recusa: costuma pagar o que bebe. Ah! Morena é deusa. Com dignidade e grana! Estou amando.

Só acredito na igualdade de direito das mulheres quando pagam as contas nos restaurantes. De preferência, a minha também. Não vejo isso como humilhação. São séculos de opressão masculina. Que se vinguem dessa opressão e nos humilhem em dólares!

O que fazes, pergunta, com voz rouca de arrepiar ouvidos. Não! Com voz de madrugada de luna llena. O uísque me queima a alma de rato. Quase digo: vereador; mas, por ela, minhas asas rufam sinceras: sou secretário de comunicação do Aristobaldo Arquimedes da Silva, futuro presidente da nobre Câmara Municipal de Vereadores. Prazer, e ela estende o longo braço. Toco-lhe a pele suave como peito de mãe. Não os atuais da minha! Você canta bem demais. Profissional? Não, amadora! Ouso: Me ame, então! Sou médica, isso aqui é apenas hobby.

Deus, que esnobismo! Imagino-me no lugar dela: estaria no Rio de Janeiro, na Globo. Nova Iorque, Paris. Ah! Ela continua sorrindo, acendendo sol em minha noite de eterna busca de Morena. É ela, tenho a mais absoluta certeza. Deus olhou para baixo, uma vez na eternidade. É, sim, ela, Morena, minha morena! Canto-lhe uma canção inédita, desafinada. Que ritmo é esse, pergunta, sorrindo piedosa. Respondo: morenaria. Acabo de criar. Se eu fosse baiano, explodiria no próximo verão. Mas branco, aqui. Não ganharei nem para o fumo. Nem que usasse bombacha!

Me interrompe:

Espera-me na saída?

Ah? Quê? Verdade? Brincas comigo?

Ela sorri e se desculpa, em sussurros. Precisa voltar para o palco.

Se Morena chegar agora, mando-a às favas. Minha morena, de tanto esperar, bronzeou-se demais. Adoro negra; amo negra; que cor fascinante, que povo maravilhoso, musical, sensual. O Brasil é o melhor pedaço da África. Nesse momento, teria orgasmo revendo o Fio Maravilha e a torcida do Flamengo. Que adjetivos poderia usar que me acalmassem o peito? Vulcão? Tara? Desespero?

Borboletear! Sim: borboleteando fico. Peço mais champanha. Preciso resistir ao sono. Farfalho asas...

Canto com ela, embriagado com tesão e musicalidade. Acho que serei seu empresário. Vendo até... Não! Não posso dizer assim. Preciso cuidar do que falo com ela. Médica: precisa cuidar do meu falo.

A partir dela, os garçons me são demasiadamente solícitos. Puxa-sacos, diria! Deve ser ordem divina. Em cada intervalo, ela vem e me oferece lábios carnudos. Entendo, agora, a alma portuguesa. Que feitiço fez essa mulher? Ela não liga para o meu mancar. Dança comigo a música mecânica, country: é mais alta. Tenho o coração reto: sou puro, disse-lhe. Ela diz, com chispas no olhar: És tudo o que desejo. Em meus olhos, ela acende o cigarro. A fumaça a envolve em doce mistério. Morena é uma deusa que desceu à terra, em Shangri-lá. Sou monge bundista.

Volta ao palco. Apupos da plebe. Sua voz é acalanto. Sonho: o paraíso existe; o amor é lindo! Peles como a nossa excitam os deuses, chocam os invejosos que passam, me batem no ombro: Tá bem na foto, hein garanhão! Sou rato com asas poéticas, sinto-lhe a voz me acariciando a alma. Canta para mim. Só para mim. A letra diz que amar é ver o raiar do dia, depois de uma noite azul nos braços do seu deus.

Serei compassivo!

Uma eternidade depois, volta. Senta ao meu lado, sorrindo divina. Ponho a mão em suas pernas, grossas, macias. Me enlouquece esta negra. Todos nos olham. Tenho o peito estufado: sou o bom! Sou o melhor vendedor do mundo: troquei a carne de segunda por um filé mignon bem passado... Propaganda demais causará inveja aos medíocres. Sinto que rompo panos e arrebeno o fecho. É o rompimento do casulo: nunca mais rato. Somente borboleta. Ela pede, por favor, sejamos discretos.

Novamente é dia raiando. Vamos embora. Todos a abraçam, com beijos discretos: Boa sorte!

Convido-a para o motel. Menstruei, diz, com naturalidade de médica. Faz mal, pergunto? Ela responde: Digamos... é desconfortável! Concordo. Que pena, digo, esfregando-me em sua bunda, recostado ao carro. Ela me repreende: Tenha modos! Mas sinto que se entrega. Digo: E assim, não dá? Ela diz, talvez.

Paramos o carro em frente ao edifício onde mora. Me convida a acompanhá-la: Só até o corredor! Aceito. Ela tira os sapatos: Para não acordar ninguém. Discreta. Santa! Caminha lento. O minuteiro desliga. Então me agarra no corredor.

Beijos comoventes. Boca perfeita para minha boca. Língua macia cozida em panela de pressão. Encho as mãos com seus seios pequenos. Nojento, diz, segurando minha mão que descia fogaosa. Do bolso, saca a arma: só com camisinha! Vira-se de costas. Levanta a saia, diz: Deixo assim só por que estou te amando. Afasto para o lado a calcinha de seda. O medo de alguém abrir a porta, acender a luz, faz tudo mais excitante. De pescoço virado, contorcionismo de bailarina, me beija. Que boca! Que lábios! Que língua!

Tenho vontade de gritar e ela faz psiu, amor. O big-bang explode no corredor do edifício na João Pessoa. Ela parece passista, tanto rebola. É doutora; eu, anal-fabeto. Leio em Braille.

E na nobre Casa do Povo tudo continua como antes: ar condicionado, jornal diário, cafezinho. Em termos: cafezinho, telefone grátis (ligo várias vezes por dia para dizer: Oi, amor, que saudade! E ouvir sua voz de mel, levemente enrouquecida, me anunciando estrelas em plena tarde. Hoje, ela não atende. Acho que enlouqueço. Talvez esteja em atendimento no consultório).

Resisto no expediente: jogos no computador, cigarros, cafezinho; mulheres: todos debocham de minha cara de primavera. O amor dispensa cirurgia plástica. Imagina, então, quando estiver com aquele mulherão num motel. Mas ela é divina, apesar de negra. Não é como a maioria dessas por aí. Talvez porque tenha estudado. Valoriza o corpo, a saúde. Disse que só transa com camisinha. Previdente. Cafezinho, jornal, recados; funcionários públicos, cafezinho, eleitores. Como vai a Pérola Negra?, me perguntam a toda hora. Cafezinho, fugas do expediente (hoje inicie na academia: preciso estar em forma para a viagem interplanetária. Anuncia-se temporada de furacões!).

Insisto no telefone: canta pra mim, amor, canta: Morena flor / morena flor / me dá um pouquinho / do teu amor. Quase entro pelo fio, atravesso dimensões. Lágrimas nos olhos e coração em chamas. É big-bang duas vezes ao dia no banheiro da Câmara.

Quem tem uma mulher destas, abre qualquer porta. Cartão de visita para um empreendedor. Prenuncio o lançamento de minha candidatura quando me apresentar ao lado dela na próxima convenção do partido.

O rato já não jaz adormecido. Sonha acordado com asas de borboleta. Espero a primeira noite de um homem.

O vereador começou a campanha para deputado estadual. Insisti, senado, direto. Pedi calma. Vamos degrau por degrau. Já comecei a campanha. Ninguém lembra das promessas anteriores. Repetir ad infinitum é regra número um da publicidade: Cocô-Cola! Cocô-Cola! Cocô-Cola! Pedi que me nomeasse tesoureiro da campanha, tenho trunfos na manga. Ele aceitou. Agora, sim, casa em Ipanema, Mercedes na garagem. Salve o caixa 2. Uma grande empresa tem projeto em cima da área verde. Prometemos apoio integral. Soltaram a bufufa.

Amanhã é sexta-feira, dia de festa. Morena poderia ser Morena. Ligando agora para o Gianecchini dos pampas. Ela, desesperada de amor, me entregando corpo e carteira; eu a atenderia, comiserado.

Olho para o gênio no espelho do banheiro: Maravilhoso! És lindo! Demais!

Às dezessete e trinta, todos saem. Desesperado, não resisto.

Insisto no celular da Pérola Negra. Chama. Chama.

Atende, amor!

Ela não atende. Enlouqueço.

Mal passo em casa. Banho e roupa nova. Táxi até a boate. Uma espera feito era geológica, oceano de dúvidas, continentes de angústias, o nada entre galáxias. O corno do garçom sorri. Ri, diacho, ao me entregar o bilhete. Abro: Oh, amor! Caridosa alma que me ordena gastar à vontade! Hoje é seu aniversário. E eu não trouxe presente. Salvo eu, presente!

Apagam-se as luzes do pequeno palco. Anunciam Pérola Negra. Como não a vi entrar? Ela surge, divina, negra no fundo negro, plumas sobre o ventre, quase nua. O faniquito é geral. Homens e mulheres deliram. Jogam rosas para ela. O ciúme é punhal no peito dos apaixonados. Dividir a mulher com olhos alheios é loucura. Assim que a tiver conquistado, ponho freios na égua.

A fumaça a envolve em doce mistério. Sua voz é acalanto, abre as portas do templo de Morfeu. Sonho.

Em cada intervalo musical, ela me joga um beijo. Tenho fome de seus lábios carnudos. Todos me olham, dividindo inveja e admiração.

Estufo o peito: sou o bom! Sou o melhor vendedor do mundo: vendi-me filé mignon e comerei camarão à baiana.

Penso no checápi na Câmara de Vereadores: meu coração taquicárdico ameaça. Ainda sinto o arrepio daquele dedo médico.

Ao final da noite, quando sinto que penetrarei no Jardim do Éden, ela me diz que tem plantão no hospital. Saiu apenas para cumprir o compromisso com seu público. Tem um colega que a substituiu. Nos encontraremos amanhã, promete? Prometo! Recebe os cumprimentos, buquê de flores, abraços demais para meu ciúme. Mas precisa sair, que a desculpem. Finalmente, me dá um beijo, um longo e erótico beijo, que aplaudem, e sai a mil. Manda pendurar minha conta em seu nome. Deusa!

Passo o dia em êxtase: sou o mais perfeito aprendiz do mundo. E o mais impaciente dos homens: Sísifo empurrando o ponteiro dos minutos. O das horas pesa demais, paralisa o mundo.

Mas, como tudo tem seu tempo na economia universal, a demorada dezoito horas chega. Pego o casaco e, na porta, ouço o vereador me chamando: reunião, hoje, na minha casa: tratar da próxima campanha.

Fiquei pálido. O que foi? O que está sentindo. Eu mal respirava. Disse que estava passando mal, que tinha hora no médico. Mas prometi: Pode contar comigo no que planejarem! Ando com algumas idéias mágicas. Lembrei-o que ensaco... Não gostou! Nem eu. O farão sem mim? Pena!

Corri para a loja do shopping: novas camisas de seda, calças Pierre Cardin, mais sapatos italianos. Um cinto de crocodilo. Outra corrente de ouro. No cartão, da campanha, claro!

Entrei e saí voando de casa. A mãe me desconheceu artista de cinema. Queixou-se de estar com pressão alta, quem sabe, pediu, eu a levasse ao posto de saúde. Dei dinheiro para o táxi: Não dá, mãe, tenho uma entrevista no céu.

Espero Morena na porta do edifício.

Vem com lábios ardentes, enchendo-me de beijos. As pessoas nos olham. A inveja é ácido corroendo as entranhas do invejoso. Fodam-se! E olham para sua bunda, seus seios, seu rosto maravilhoso. Incrédulos. Caminhamos entre olhares cúpidos. Provocam: A deusa e o monstro? Ainda quebro a cara de um desses filhos-da-puta. Não respeitam um homem e sua mulher!

Em vez do cinema, ela preferiu o Bar do Beto. Entramos, saudados por turma eufórica. Me apresentou: Meu gato! Quase miei. Apertaram cadeiras e nos fizeram sentar. Quem tem essa mulher, abre qualquer porta. Serei rei com tal cartão de visita.

Eu, senhor dos olhares, sinto-me um deus grego. A conversa gira do teatro ao último filme-cabeça – cabeça de alfinete, me descubro. Quando falam de poesia, digo que na boca de minha deusa bebo o vinho que Baco escondeu só para ele. Ela se surpreende: Poeta? Forço a modéstia: de versos insignificantes. Talvez os publique, um dia. Deixa-me ver? Ó, não! Os amigos insistem em publicá-los, me oferecem patrocínio, mas... Modesto? Não!, respondo, previdente. A poesia é como o vinho. Precisa envelhecer na paciência dos tempos. Ela implora: Me beija, querido!

De repente, o assunto muda: política! E aí me atiro. Se a deusa não os acalma, eles me matam: são todos petistas. Porra, como ia saber! Digo que lá dentro da Câmara tudo é a mesma coisa. Aí, começam as ofensas. A deusa me cala com um beijo, um longo beijo, o maior beijo da história da humanidade. Os aplausos nos despertam. Quase alavanco a mesa.

Desconfortado com o ambiente, convido-a para sair dali. Falo em motel. Ela reluta. Insisto. Afinal, sou o maior vendedor

do mundo: Somos adultos e consumistas! Trabalhamos para ganhar um bom dinheiro e comprar o prazer, não!? Não! Por favor, hoje não! Insisto: O que pode nos incomodar, minha deusa? Ela responde, sussurrando: Mistérios! Senhor das verdades, afianço: Nenhum mistério nos afastará. Ela diz que desejaria acreditar nisso, mas todo amor tem começo e fim. Insisto na propaganda: Me darei de graça pela eternidade!

Afinal, por que tanto preâmbulo, se homens e mulheres sempre acabarão na horizontal? Sobe-se o céu deitado, sabia? Ela me pede que prometa ser paciente agora e compreensivo depois. Prometo até que trarei um corral de anjos para louvar a noite de seu corpo. Meu poetinha. E me tasca novos beijos. Sua mão se enche de mim. Aperta, me espreme, me explode. Enche-se.

Desviamos da João Pessoa para a Ipiranga, Beira-rio, Ipanema. O melhor motel: eu pago, ela insistiu. Aceito para evitar atritos. Mal espero estacionar, subir para o quarto. Bolino-a ainda na escadaria. Ela entra, baixa a luz até quase penumbra. Ao vê-la desnudando-se, lentamente, com olhos de veneno, desejo uma máquina fotográfica, uma filmadora. Com esse material, serei o rei da terra. Venderei esse filme para a indústria pornográfica. Ela será convidada para Hollywood. Me levará de contrapeso. Tu dançarás, Globeleza, se o Hans vir essa negra.

Dança, só de calcinha, ainda mais artista do que na bar.

Champanha, a mais cara: a bebida do amor. Concordo também que pague, afinal, é doutora, ganha bem. Enquanto eu vivo do meu salário de CC menos vinte por cento. Meu Deus, parece ainda mais alta. Pede que apague a luz. Ah, digo-lhe, não faz isso comigo! Você prometeu ser compreensivo. Contrariado, sou rato! Tem vontade de bater! Por ela, no entanto, sou anjo com asas de borboleta. Compassivo, concordo. Ela se veste de sombra e tesão. Me morde. Me arranha, desespera-me. Afinal: braços longos para me envolver; pernas longas para me aconchegar. Boca grande e lábios grossos para...

Não, não para! Não para, amor, por favor não para agora!
Busco-lhe o ventre, certo que esconde a porta do céu. Sei o segredo. Sou o bom! Ela enlouquece.

Embriagado de amor, falo demais: prometo cuidar de seu corpo. Serei teu jardineiro. Por ti, entrego a alma para o diabo. Responde, entregando seus lábios, sua língua feita de seda: Deixa-me cuidar dessa tua alma linda, para sempre?

Prometo confessar meus pecados. Poucos... Sou assim, perfeito! Trabalharei, ainda que isso me faça mal; serei fiel, e cruzo dedos. Ela diz nada te peço, amor, além de me compreenderes e me aceitares como sou. Respondo: Adoro tua cor; fui rei negro na última encarnação. E, atávico, busco a cobiceta.

Ela retira minha mão: Não, amor, não! Tu ficarás enojado de mim.

Ó, deusa, eu sou gremista, mas meu pinto é colorado. Afinal, digo-lhe com mansidão: não seria a primeira vez que transaria com uma mulher com boi. Ela ri... e chora. Resiste. Forço. Enfim, toco-lhe ali...

Sou rato. Rato. Rato! Rato! Rato! Rato! Rato!

Ergo-me como Hércules ante a Hidra e suas sete cabeças e soco-lhe a cara com toda a raiva. Bato sem piedade. Choro. Só uma pessoa me aceitou rengo e pobre, além de minha mãe. Continuo batendo. Aceitou-me sem nada pedir nem pôr preço no açougue. Mas bato mais. Mais. Ela é um amor, apesar... E quer me sustentar. Amo Morena! Ela diz: Isso, amor. Me bate. Me consuma. Bato ainda mais, mais. Mais! O inferno é delírio. Continuo batendo enquanto lágrimas me purificam a alma, me levitam. Sinto o clímax se aproximando, asas crescendo. Quanto mais bato, mais meu desejo se intensifica. Divido-me entre esquecer o sinal de exclamação que ela me traz ou exorcizar em mim esse desejo ignominioso.

Bato ainda mais e com mais força. Não encontro reação. Só gemidos de gata no cio. Ouço o choro baixinho, sussurros:

Je t'aime! Je t'aime! Continuo batendo, batendo, cada vez com mais raiva. Je t'aime! Com mais pena, com mais ódio, com mais amor. Repito o mantra sagrado que ela me ensina: Je t'aime! De seus lábios carnudos, a voz finando-se, insiste: Je t'aime, meu deus grego, Je t'aime! E faço coro, harmonizando com porradas ao ritmo do je t'aime moi non plus.

Rato com asas de borboleta. Carnívoro. Sei que sou assim. Mas voarei pelo universo. Tenho direito ao sonho. Por decreto. O sonho do homem é mulher e grana. Nesta exata ordem. Mas nada é perfeito.

Dinheiro e mulher escravizam. Venderei caro minha liberdade.

Serei jardineiro de meus sonhos! Um deles é Morena, com olhos de fada-madrinha. Alta. Braços longos para o abraço. Pernas grossas e coxudas para o aconchego. Se bem!... Sem casamento, claro, isso ainda não fica bem por aqui! Podemos ir a San Francisco, na Califórnia, lá é normal, ela sussurra. Bom isso! Morena me metamorfoseará de rato em príncipe encantado. Ainda com asas de borboleta.

Obrigado, Senhor! persigno-me.

E a beijo ignorando o obelisco.